

Introdução

Assim como ao nascer o primeiro filho de um casal inaugura a família e o conflito intergeracional, o segundo filho inaugura a fratria e dá origem ao conflito intrageracional. Não escolhemos nossos irmãos, eles nos são impostos por nossos pais, mas com eles compartilhamos a nossa história de vida, nossas experiências, vivências e lembranças por mais tempo do que provavelmente com qualquer outra pessoa. Ser e ter um (a) irmão (ã) vai se constituir numa das três contingências vitalícias, pois assim como não há ex-pais nem ex-filhos, Silveira (2002) coloca que “não existem ex-irmãos” (p. 94).

Com nossos irmãos dividimos nossa carga genética, nossa família, nossa classe social, nosso contexto histórico e a eles estamos ligados ao longo de nossa vida por uma rede de relacionamentos familiares. O relacionamento fraterno vai se constituir, por sua vez, em uma teia complexa de sentimentos e emoções ligados a elementos de caráter cognitivo, cultural e social entrelaçados e difíceis de separar. Ele surge geralmente na primeira infância do indivíduo e desempenha um papel fundamental na determinação de suas características de identidade e personalidade. Rustin (2008) coloca que na contemporaneidade, o aumento do tempo de expectativa de vida e a retração da assistência social enfatizam a importância dos irmãos para partilharem as responsabilidades emocionais, financeiras e práticas dos cuidados com os pais idosos, que em caso de falta de recursos ficam marginalizados.

Embora as relações fraternas tenham um valor primordial na vida e ocupem lugar de destaque nos filmes, novelas, romances, contos, mitos e lendas, relações familiares, sociais e institucionais, elas têm sido relativamente pouco estudadas nas teorias psicanalíticas (Brusset, 1987; Mogueillansky & Vorchheimer, 2001; Rustin, 2008). Desde Freud, o relato de casos clínicos mostra a importância do irmão ou irmã para a subjetividade infantil, mas a teoria enfatiza a relação com os pais. A psicanálise tem privilegiado o complexo edípico, conferindo-lhe uma importância maior que o irmão, o semelhante, poderia ter na constituição do sujeito (Brusset, 1987; Kehl, 2000) e do laço social.

Ao privilegiar o complexo edípico como nuclear na função estruturante da personalidade e do desejo, a Psicanálise eclipsa o valor específico do complexo fraterno. Este é considerado ora como o deslocamento do complexo de Édipo sobre as relações de irmãos e irmãs, ora como uma defesa para evitar o complexo edípico, ou ainda como uma pré-elaboração do complexo de Édipo.

A nossa experiência clínica no atendimento individual e de casais trouxe à baila a questão do laço fraterno e da relação fraterna. São frequentes os relatos a respeito de irmãos. No atendimento de clientes individuais observamos que estes se queixam muitas vezes de seus irmãos, sentem-se prejudicados pelos mesmos, consideram que os pais os favorecem em seu prejuízo, podendo as desavenças em inúmeros casos culminar com o rompimento da relação, com o fato de não se falarem mais. Quando falam da família mais ampla, tios e avós, é comum revelarem ter afinidade e contato maior com um dos ramos da família, paterna ou materna, em detrimento do outro. Do mesmo modo, os casais que atendemos mostram uma maior proximidade com a família de um dos membros do casal. O ramo com que se relacionam menos, tanto no caso individual como no de casal, é frequentemente descrito como “esquisito, distante”. Observamos também, no atendimento de casais, o mau relacionamento de um de seus membros com os irmãos do outro, demonstrando ora ciúmes, ora competição. Perguntamo-nos se em ambos os casos não estamos diante de um deslocamento dos conflitos com os próprios irmãos.

Considerando os relatos da Torah, do Antigo Testamento, como sendo a transcrição da transmissão oral de mitos e lendas de uma fratria (no sentido de grupo de clãs que apresentam características similares), aí encontramos os grandes temas da fantasmática inconsciente, a saber, o incesto e o fratricídio, este último como resultado da rivalidade exacerbada entre irmãos. Um episódio narra que Caim vai matar seu irmão Abel, o que era preferido por Deus. Por outro relato, ficamos sabendo que Sara mulher de Abraão, não conseguindo conceber, dá sua serva egípcia, Hagar, para Abraão com intuito que este a engravide. Hagar dá um filho a Abraão, Ismael. Posteriormente Sara engravida e concebe Isaac. Sara vai então exigir que Abraão expulse Hagar e Ismael, para que este não divida a herança paterna com seu filho. Um terceiro mito nos conta que a rivalidade entre os irmãos Esaú e Jacob fará com que o segundo, preferido da mãe Rebeca e com

sua cumplicidade, engane o pai, Isaac, e roube de Esaú a bênção para o primogênito (posteriormente os dois se reconciliarão). Uma quarta narrativa nos mostra, porém, que José, embora vendido por seus irmãos ciumentos como escravo, será quem vai assegurar a sobrevivência e a linhagem da família. Destes relatos deduzimos que a rivalidade entre irmãos, levada ao extremo e transmitida como algo inevitável, se faz presente “desde que o mundo é mundo”.

Entre irmãos encontramos a rivalidade como o reflexo do que é inerente ao ser humano e, na contemporaneidade, a violência e as guerras talvez se manifestem como consequência do que pode ocorrer entre irmãos. Inúmeras vezes observamos que quanto mais próximos, “mais irmãos”, as rivalidades e hostilidades parecem aumentar. Assim, grupos diversos dentro de um mesmo partido político, de uma mesma religião, comunidades vizinhas e próximas em todos os aspectos, inclusive dentro de um mesmo país, podem vir a se considerar inimigos mortais. Estamos diante do que Freud ([1921] 1993, [1930] 1993) denomina “narcisismo das pequenas diferenças”, em contraposição ao fato de que, segundo ele, quando as diferenças são grandes não nos espantamos com a dificuldade em superar a aversão ao outro.

Na tentativa de compreensão do mundo atual em que rivalidade e violência, que sempre existiram, parecem aumentar, observamos a continuidade ininterrupta de guerras fratricidas. Não é fácil para o homem renunciar à satisfação de sua inclinação agressiva, pois como já disse Freud ([1930] 1993), citando Thomas Hobbes, o homem é o lobo do homem. A rivalidade existente no ser humano se reflete no social.

À nossa experiência clínica aliou-se a observação do entorno social. Nas duas situações, foi possível verificar o rompimento de relação entre irmãos se repetindo por duas, e até três gerações. Nesses casos, deparamo-nos muitas vezes com primos distantes, filhos desses irmãos, que mal se conhecem e pouco se encontram. Ainda na mesma situação de irmãos (pais e tios) que não se falam podemos encontrar primos com bom relacionamento entre si, como se não tivessem nada a ver com a briga dos respectivos pais.

Por outro lado, também tivemos oportunidade de observar, tanto no consultório como na vida social, famílias em que os irmãos são solidários, companheiros, cúmplices, mantendo uma relação de grande proximidade afetiva, relação essa que se estende à família mais ampla quando crescem, isto é, o

intercâmbio afetivo amoroso entre tios e sobrinhos vai se refletir na amizade entre os primos. Rosen, Ackerman e Zosky (2002) demonstram por meio de um estudo que o fenômeno da “síndrome do ninho vazio”, que descreve a experiência de perda e crise de identidade dos pais quando todos os filhos deixam a casa, também pode ser encontrado entre irmãos. O último irmão remanescente experimentaria sentimentos de tristeza, de “ninho vazio”, quando todos seus irmãos partissem. Concluem que quanto maior o grau de proximidade na relação entre os irmãos, maior parece ser este efeito.

Alguns grupos e ONGS começam a se formar e surgir com a intenção de apoio e solidariedade, numa tentativa de uma camada da sociedade se contrapor à violência atual (movimento “BASTA”, por exemplo) através da demanda de fraternidade. A sociedade está agindo tendo como modelo o bom relacionamento entre irmãos. Há pequenos movimentos de retorno aos “bons costumes”, pois o que ocorre na família se repete na sociedade maior.

A partir, sobretudo, do ano 2000, textos de autores contemporâneos apontam para o papel fundamental do complexo fraterno na estruturação da vida psíquica individual, assim como na constituição do laço social. Propomo-nos, neste trabalho, a realizar uma pesquisa teórica, na abordagem psicanalítica, visando a ampliar a compreensão do papel da relação fraterna na constituição do sujeito e na formação do laço social. Utilizaremos tanto os conceitos de autores clássicos como Freud, Klein e Adler, como nos debruçaremos sobre os autores da contemporaneidade que vêm aprofundando o estudo desse tema, tais como Kehl (2000), Benghozi e Féres-Carneiro (2001), Eiguer (2001), Losso (2001), Moguillansky e Vorchemer (2001), Roith (2001), Moscona (2001), Britto (2002), Losso e Salvini (2002), Silveira (2002), Berlfein (2003), Coles (2003, 2006), Rufo (2003), Kancyper (2004), Kaës (2005, 2008), Berenstein (2007, 2009), Rustin (2008), dentre outros. Ilustraremos a discussão teórica com fragmentos de casos de nossa clínica.

Para efeito de nosso estudo, consideraremos os irmãos, filhos do mesmo casal, com o qual convivem, sem levar em conta os casos de gêmeos. Quando utilizarmos o termo irmão, estaremos nos referindo a qualquer dos gêneros.